ISSN: 2446-6549
DOI: 10.18766/2446-6549/interespaco.v2n4p109-118

INTERESPAÇO
Revista de Geografia e Interdisciplinaridade

TRANSFORMAÇÕES DO CORPO: Era parabiose

Keline da Costa Brito
Graduanda do 7º período do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de São Bernardo.
Integrante do grupo de pesquisa NEO-BIO: Ontologia, Corpo e Biopolítica.
keline332@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as transformações que o corpo vem sofrendo decorrente da visão mecanicista que se tem dele, alterando, além de sua dimensão biológica, a subjetividade do indivíduo e suas relações com o meio, resultante da adaptação das biotecnologias ao corpo. Partiremos da abordagem Heideggeriana de preocupar-nos diante do uso tecnológico sobre o próprio indivíduo, e simultaneamente usaremos as análises foucaultiana sobre a rentabilidade do corpo político. Isso fez com que se incida sobre ele um discurso normativo como o tipo de alimento, os exercícios, além do uso de medicamentos e próteses para ampliar o poder dos corpos. Concomitantemente usa-se a engenharia genética possibilitando alternativas de um corpo aperfeiçoado pelo uso de artefatos biotecnológicos que almejam estender a forma natural humana, ou seja, uma *parabiose*. O Biopoder se realiza cotidianamente, e atua de várias formas através dos mecanismos de poder, estes potencializaram o controle da vida, sem que para isso use força física para impor seu controle. O que pode ser fantástico para a evolução humana, também pode tornar-se algo sem precedente. Portanto, o corpo se tornou um empreendimento a ser administrado, no qual, sem percebermos, vai sendo transformado e "aperfeiçoado", resultando em uma quimera para a filosofia.

Palavras-chave: Corpo; Subjetividade; Controle; Biotecnologia.

BODY TRANSFORMATION: Period parabiosis

ABSTRACT

This paper aims to analyze the changes that the body has suffered due to the mechanistic view that has him changing, and its biological dimension, the subjectivity of the individual and their relationship with the environment, resulting from the adaptation of biotechnology to body. We start from the Heideggerian approach to concern ourselves on the technological use of the individual, and at the same time we will use the Foucault's analysis of the profitability of the body politic. This made if it relates to a normative discourse as the type of food, exercise, and the use of drugs and prostheses to extend the power of bodies. Concomitantly is used genetic engineering enabling alternative of a body enhanced by the use of biotechnological artifacts that aims to extend the natural human form, ie a parabiosis. The Biopower is performed daily, and acts in various ways through the mechanisms of power, these potentiated control of life, without this use physical force to impose their control. What can be fantastic for human evolution, it can also become something unprecedented. Therefore, the body has become an enterprise to be administered, in which, without realizing it, is being transformed and "perfected", resulting in a chimera for philosophy.

Keywords: Body; Subjectivity; Control; Biotechnology.

TRANSFORMACIÓN DEL CUERPO: Era parabiosis

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar los cambios que el cuerpo ha sufrido debido a la visión mecanicista que le ha cambiando, y su dimensión biológica, la subjetividad del individuo y su relación con el medio ambiente, como resultado de la adaptación de la biotecnología para cuerpo. Partimos del planteamiento heideggeriano que preocuparnos sobre el uso tecnológico de la persona, y al mismo tiempo vamos a utilizar el análisis de la rentabilidad del cuerpo político de Foucault. Esto hizo que si se refiere a un discurso normativo como el tipo de alimentación, el ejercicio y el uso de medicamentos y prótesis para extender el poder de los cuerpos. Al mismo tiempo se utiliza la ingeniería genética permite alternativa de un cuerpo mejorado por el uso de artefactos biotecnológicos que tiene por objeto ampliar la forma humana natural, es decir, un parabiosis. El biopoder se realiza todos los días, y actúa de diversas maneras a través de los mecanismos de poder, control de éstos potenciada de la vida, sin esta fuerza física utilización de imponer su control. ¿Qué puede ser fantástico para la evolución humana, también puede convertirse en algo sin precedentes. Por lo tanto, el cuerpo se ha convertido en una empresa para ser administrado, en el que, sin darse cuenta, está siendo transformado y "perfeccionado", lo que resulta en una quimera para la filosofía.

Palabras clave: Cuerpo; Subjetividad; De control; Biotecnología.

INTRODUÇÃO

Inicialmente acompanharemos as análises de Heidegger os fundamentos da preocupação da técnica ser inserida ao indivíduo. E em seguida buscaremos as análises de Foucault sobre o aparato de poder que se dissemina na sociedade através da disciplinarização dos corpos onde "houve uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder" (FOUCAULT, 2013, p.163). A dinâmica contemporânea coloca o corpo como um objeto, lugar de investir toda uma jogada de imagem perfeccionista, manifestação da sociedade hedonista que vivenciamos, mas atrelado aos jogos de poderes pautados no valor econômico que o corpo acarreta.

Desde Heidegger, a questão da recriação tecnológica do homem passa a ser uma preocupação, "ás vezes parece que a humanidade da época moderna tem pressa em atingir o seguinte objetivo: que *o homem se produza tecnicamente a si mesmo*" (HEIDEGGER, 1958 apud LOPARIC, 2005, p. 1). *A priori* o homem cria os artefatos tecnológicos, utilizando-os a seu benefício, sua sobrevivência, porém quando a técnica passa a ter o próprio sujeito como finalidade tem-se uma imensidão de questões éticas, que

> [...] interroga, portanto, cada indivíduo sobre suas ações, sobre os princípios que devem ser protegidos. Ela não tem força jurídica, mas funciona como freio invisível aos abusos da conduta científica e como fonte implícita de princípios de direitos humanos (FERNANDES, 2008, p. 149).

Neste sentido, precisa-se repensar nos valores éticos que possam dar conta dos novos rumos que a humanidade está adentrando. Já que advindo desta realidade, vivenciamos os avanços biotecnológicos, e permeamos o que muitos autores defendem como uma nova etapa evolucionista do homem. Porém, os extremos que se podem conseguir com o uso tecnológico ainda são desconhecidos.

Por isso, surgem questões decorrentes das interferências genéticas, questões essas que já não cabem mais somente ao âmbito interno do Estado, mas tornou-se universal, pois interferem com a vida de cada pessoa. Heidegger já previa esta realidade negativamente:

> Visto que o ser humano é a matéria-prima mais importante, pode-se contar que, um dia, com base em pesquisa química contemporânea, serão erigidas fábricas para a criação artificial do material humano (HEIDEGGER, 1954 apud LOPARIC, 2005, p. 1).

Deste ponto de vista estamos perdendo a "essência humana" de um cuidado de si. Hoje almejamos um corpo que é composto inorgânico, produzido dentro das academias, dentro dos consultórios médicos, um corpo que é surreal. Não se tem uma vida plena que valoriza o potencial do corpo por sua vontade, esforço próprio e sim, uma vida regrada por dispositivos de controle que, aliados às tecnologias atravessam nossas vidas. Fazendo com que a realidade contemporânea se depare com questionamentos decisivos sobre seu futuro, estas questões ganha maior destaque a partir do século XX. E Heidegger como pessimista alerta:

> Eu vejo na técnica, isto é, na sua essência, que o homem está submetido a um poder que o desafia e em relação ao qual ele não é livre – que aqui se anuncia algo, a saber, uma relação do ser com o homem – e que essa relação, que se esconde na essência da técnica, um dia talvez chegará a se iluminar no seu desocultamento (HEIDEGGER, 2000 apud LOPARIC, 2005, p. 10).

Tornando a vida artificial um objetivo para assim, fugir dos laços que o ligam à natureza, logo, expandir seu corpo, ou seja, o homem está diante de algo que sempre almejou desde que seus laços com a natureza foi sendo "desvendado". Isto torna a vida artificial um objetivo, para assim fugir dos laços que o ligam à natureza, logo, expandir seu corpo, almejando criar seu próprio ser, que seja superior à antiga forma humana,

possibilitando fugir de qualquer condição humana natural, estendendo seu limite de vida, superando os próprios limites.

Desta forma, "[…] não se trata, portanto, de fazer coisa alguma – de tentar, por exemplo, resistir à técnica ou condená-la –, mas de compreender o modo de essenciação (*das Wesen*) da técnica e do mundo técnico" […] (LOPARIC, 2005, p. 10). Nunca na história da humanidade se interferiu tanto no corpo como está sendo feito nas sociedades ocidentais pós-modernas, isso porque "houve uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder" (FOUCAULT, 2013, p. 163).

Com Foucault temos um corpo que é alvo de poder, no qual "o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo" (FOUCAULT, 2005, p. 33). O corpo humano, reduzido a uma máquina, é entendido como suas *partes* podem ser substituídas por outras, e sob o aparato da tecnologia conseguem em alguns casos ser bem eficazes, substituindo a orgânica, neste aspecto os discursos biomédicos são fundamentais para que haja esta aceitação e acopladas ao biopoder potencializam o controle da vida.

Essa nova etapa humana se vê entrecruzada pela disseminação de poder que utiliza o saber da ciência como aliado. Isto porque a ciência é permeada por uma racionalização que tem o aval das pessoas. Neste caso, atua de forma absoluta na maneira como devemos cuidar de nossos corpos, condicionando para uma manipulação mais abrangente dos indivíduos, e abrir espaços para que novas possibilidades de intervenção no corpo cheguem de forma satisfatória e sem estranhamentos.

Primeiramente as formas de docilização/controle são introduzidas através do saber científico, onde são estipulados horários específicos para fazer as refeições, melhor horário para dormir, o que fazer e como fazer determinadas atividades. Enfim, nos induzem a ter atividades rotineiras de bem estar, e seu principal aliado é a mídia e revistas de saúde de grande circulação, além de sites e revistas *on-line* que visam assessorar o indivíduo a *ficar em forma*, ter um corpo saudável, a cuidar de si, buscando encontrar a imortalidade do corpo.

Devido a isso emergimos em uma realidade de especialistas que nos diz como cuidar da melhor forma de seu corpo, que dizem ajudar os sujeitos a se vestir, cuidar da casa, beleza, carreira, autoestima, se a pessoa deve engordar ou emagrecer, enfim nos sujeitaram a uma realidade em que nossos corpos se tornam espetáculo, com isso o sujeito segue estes discursos e emerge nesta busca incansável de conquistar cada vez mais sobressair de suas limitações. Quando a biotecnologia deixa de ser algo positivo e se torna negativo? Quem dirá os limites de algo que permitirá a humanidade alcançar escala de

desenvolvimento nunca visto antes? É difícil ditar limites à biociência, aos avanços biotecnológicos, já que este saber representa um conhecimento inquestionável e confiável perante a sociedade.

Representa uma alternativa para as grandes incumbências humanas, ao permitir a possibilidade de alterar algo *predestinado* naturalmente ao homem. Mas até que ponto pode intervir em nossa vida? A clonagem humana antes não passava de ficção em pouco tempo poderá torna-se realidade, significaria um controle bastante significativo da natureza, o homem chegaria ao patamar de criador de sua própria criatura. Por outro lado não seria uma violação da vida humana? As concepções éticas temem o futuro que se aproxima, mas também não pode deter o desenvolvimento tecnológico, nem o desenvolvimento humano que sempre foi seu desejo. Com isso nossa sociedade encontra-se fragmentada por estes enlaces, pois se desconstrói a figura de um humano. Podemos vislumbrar ainda que temerosos, um futuro que a biotecnologia der fim à velhice e até mesmo da morte.

TECNOLOGIAS REDESENHANDO A FORMA HUMANA

Comparado com nossos antepassados vivemos relativamente melhor, conseguimos manter contato a longas distâncias. Percorrer cidades, países em questão de horas. Tudo graças ao aperfeiçoamento tecnológico nos artefatos que auxiliam os homens. O homem cria os artefatos para beneficiá-lo, porém já não se sabe se o homem domina o artefato ou se é o contrário.

Questiona-se sobre o futuro homem ser um superdotado, com força, inteligência inigualável, tudo construído não mais obedecendo a uma lei natural, mas uma construção feita em um laboratório. Pensar assim nos assusta. Contudo, é este o grande desafio diante do desenvolvimento contínuo da tecnologia, em que

> A criação de um robô inteligente é uma ambição dos redutos científicos, académicos e industriais, uma vez que as funções do cérebro humano lhe são adicionadas, criando-se uma «nova espécie», obra do homem, e dessa forma desmistificando-se a limitação criadora e fundadora dos seres humanos [...] (KUNZRU, 2009, p. 67).

Pela visão pessimista significaria o controle do homem sobre a natureza, intervindo de forma gradativa em todos os quesitos que antes eram delimitados a algo divino. A vida agora pode está nas mãos dos próprios homens, e esta mudança vem ocorrendo aos poucos. Por exemplo, já existem meios de um deficiente visual voltar a enxergar, de um

coração mecânico se acoplar ao organismo natural, além dos alimentos que recebem alterações biotecnológicas, estes que consumimos todos os dias.

Sebastião (2010, p. 66), inspirando-se em Haraway (1991), afirma que "[...] diante da nossa dependência da tecnologia, somos todos ciborgues [...]". Neste caso, nem precisamos ter o artefato tecnológico no corpo obtivermos nossa corporeidade redefinida. Tudo isso são pequenos processos que ao longo do tempo são inseridos, sem que percebamos tornamo-nos ciborgues, um novo antropoide humano.

Os mecanismos tecnológicos se apoderam do nosso organismo porque no decorrer do tempo houve mudanças em sua estrutura, e cada vez mais são quase imperceptíveis. Como é caso de microchips, câmeras de vigilâncias. Cada artefato é uma extensão de nosso corpo: um simples relógio, bastão.

Nós precisamos dos artefatos, ou eles de nós? O celular nos tempos atuais é irrefutavelmente o artefato que estende o corpo, ele é constituído como um *vírus* social em que todos podem ter acesso- necessitamos destes artefatos-, é justamente esta aparente necessidade que nos faz reféns do desenvolvimento, nos torna atores principais de um jogo mercadológico, como também do pleno desenvolvimento da raça humana, melhorando nossa capacidade biológica, superando limitações que sempre nos acompanhou. Com isso, a

> [...] criação de ciborgues, clones e híbridos por parte dos cientistas têm como principais objetivos o aperfeiçoamento do corpo humano, através da eliminação de imperfeições e das incertezas resultantes da lotaria genética, e o melhoramento das capacidades do corpo humano, em si mesmo limitado (KUNZRU, 2009, p. 71).

Se a pessoa pudesse escolher todas as habilidades, os traços genéticos e físicos dos filhos sem esperar a natureza agir, um filho perfeito fisicamente, psicologicamente, quem não optaria por esta solução? E se a pessoa pudesse ter a opção de trocar um dos seus membros naturais por um artificial que triplicaria sua funcionalidade, por exemplo, aumentasse a visão, audição, memória, força, agilidade, etc.. Quem recusaria esta alternativa?

A partir do momento que o homem adquiriu esta autoconsciência, que ele pode descobrir os *segredos da natureza,* sua escala de manipulação se amplia e almeja-se um poder maciço, de colocar esta geração e as futuras em um patamar de desenvolvimento nunca antes imaginado. Este desenvolvimento tecnológico é seu principal aliado, sua fonte de ideias. A cada nova descoberta tem-se um novo limite quebrado. Justamente por isso, nos

encontramos dentro de um embaraçoso desenvolvimento que ainda não se tem como medir seus efeitos.

Ainda que nem todas estas *metas* foram alcançadas, minuciosamente estão sendo colocadas em prática, o que nos leva a ficar, além de admirados, temerosos pela visão pessimista. Continuará sendo humano ou máquina? Tem-se uma fragmentação do corpo, dissociando este corpo do próprio sujeito, justamente resultado desta visão mecanicista que vê o corpo apenas como uma máquina, e todas suas *engrenagens* são conhecidas favorecendo a uma substituição ou melhoramento quando for necessário. Assim, o ser humano é reduzido à mecânica. Sob reflexo da visão de Descartes ficamos à mercê de uma ideologia de um corpo passível de ajustes, aquele que pode inclusive ser recriado. Na qual,

> Os modernos estão no centro da política ciborguiana. Ser uma ciborgue não tem a ver simplesmente com a liberdade de se autoconstruir. Tem a ver com redes. Desde que Descartes anunciou que "eu penso, logo existo", o mundo ocidental tem tido uma obsessão pouco sadia com a condição do eu (KUNZRU, 2009, p. 26).

Os sujeitos precisam ser reencontrados, necessitam buscar sua própria identidade. Pois, já se pode interferir diretamente em sua carga genética retirando a probabilidade de adquirir uma doença, por exemplo. Fazemos parte de uma jogada de interesses por parte de grandes corporações. Então, os meios de obtermos este corpo forte, saudável, seriam de fácil acesso a todos, ou seja, sem muito custo. Uma mercadoria barata, para que todos sejam conectados pelo sistema: um *vírus social*.

> A institucionalização da "cultura da inovação" através das novas biotecnologias vai constituindo-se, principalmente, de acordo com um conjunto de associações entre incentivos de mercado, configuração social aberta a mudanças tecnológicas e condições econômicas, políticas e culturais favoráveis ao seu investimento (PREMEBIDA, 2008, p. 3).

Com isso, ninguém vai ser obrigado a aceitar os artefatos tecnológicos porque será resultado da própria dinâmica de desenvolvimento da sociedade que vivemos, dos novos tempos que se abrem à nossa volta. O homem está recriando sua própria natureza, porém, tal recriação poderá ser uma faca de dois gumes, pois Kunzru (2009, p. 22), embasando-se em Haraway (1985), diz que "as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam".

As biotecnologias já iniciaram a alteração de nossos corpos, logo, nossas relações com os outros. Seja através do cuidado com o corpo para não envelhecer, como pelo uso

de cosméticos, tudo isto é revestido de procedimentos médicos que utilizam de nanotecnologias. Observamos assim, que é a demanda social que abre portas para o desenvolvimento tecnológico, e são as demandas que fazem evoluir.

HOMEM-MÁQUINA E/OU MÁQUINA-HOMEM

O sonho do desenvolvimento humano, utilizando a tecnologia, é expandir-se, criando máquinas/robôs que tenham emoções humanas, criando sua própria criatura. A partir do século XX estas ambições se estendem a ritmo acelerado e conduzem o homem a ficar entre o patamar de grande evolução e suas consequências.

Diferentemente da concepção da tradição filosófica, majoritariamente a lógica foi investida após o corpo tornar-se evidente aos *olhos do mundo*. Resultando na quebra do véu de intocável, sagrado, fornecido pelo ambiente religioso e se depara com um leque de possibilidades mútuas de ações, de abordagens que irão permear a essência de sua corporeidade sem limites fixados.

O corpo tornado passivo pode contribuir para a disseminação de estratégias de biopoderes, estas que se iniciaram dentro da sociedade disciplinar, visando maior lucro para o Estado, daí inicia toda uma lógica persuasiva onde atua intervenções de normalização[1] tácita. No mundo contemporâneo ainda acontecem práticas disciplinares não mais com instrumentos de manipulação tão visíveis, mas de forma demasiada estratégica, de difícil percepção, e

> Assim se constrói um discurso que não pertence à pessoa enquanto tal, que seria a realização de um terceiro impessoal (a ciência ou aquilo que ocupa seu lugar), que é independente de todo ato de enunciação pessoal e que desempenharia, ao mesmo tempo, o papel de referência e de verificador do saber (CHARAUDEAU, 2006 apud PREMEBIDA, 2008 p. 160).

Desta forma, a biotecnologia é usada para salvar vidas, ampliar o desenvolvimento do ser humano, adaptar a tecnologia ao indivíduo. Com isso, o investimento político que recai sobre o corpo é permeado por concepções de modelagens. A vida não é uma simples existência natural, humanizada, e sim uma forma que pode ser melhorada, que pode render um lucro muito maior, que pode permitir um grande avanço aos grandes capitalistas.

[1] Normalização é como se configura os empreendimentos de correção física dos sujeitos. Onde as normas, as estratégias disciplinares farão dos corpos locais de manipulações. Onde são assujeitados a normas dentro das instituições como casernas, fábricas, hospitas, escolas, estes lugares definem a postura que os sujeitos devem ter, como sentar, andar.

Cujos investem em produtos de beleza, de corpo saudável, que visam redefinir uma estrutura natural do ser humano, fazendo com que ele se adeque aos novos tempos, uma verdadeira avalanche estética. Tanto pode ser um homem mecânico como uma máquina humana.

Em contrapartida, todos estes fatores nos tornam como simples fantoches do poder, não existem mais corpos intocados, e sim um corpo aberto, um corpo-objeto que pode receber todo tipo de revestimento, ajustes, tanto por meio de discursos, como agindo no próprio corpo físico, seu elemento natural, com isso, se tem um corpo constantemente delineado.

Há toda uma sistematização de mecanismos que se inserem no mundo contemporâneo de forma que cada vez mais influenciam as vivências, as relações de interações, relações que se fazem também na esfera corpórea, adquirindo muito lucro sob a perspectiva de se firmar no corpo um alvo de jogos mercadológicos.

CONCLUSÃO

Ainda que sem grandes projeções, logo, percebemos a ficção tornar-se realidade. A biociência tem favorecido a manutenção da vida, como também favorece a dominação dos corpos sem que questionemos sobre os limites que se deve ter e até que ponto pode nos alterar. A grande ambição humana pode vir a ser uma grande quimera.

O saber médico vai atuar justamente onde a esfera natural é "falha", no caso das doenças, velhice e até mesmo na questão da morte, para isto somos conduzidos a ter cuidados minuciosos com nossos corpos, seguindo uma cartilha de alimentos ideais, de hábitos precisos e marcados para assegurar a saúde. A mídia dissemina esta forma de manipulação, não percebemos o quanto estamos agindo por intermediação de interesses de outrem.

A questão não é apenas a de criar uma inteligência artificial, ou de criar um homem geneticamente modificado, ou fundir a máquina ao homem, mas compreender os limites éticos, as consequências globais, a temeridade de tal gesto de poder e fantasia.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Elizabeth A. **Bioética e direitos humanos**: a proteção da dignidade da pessoa humana na era da Genética. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-07072010-150239/pt-br.php>. Acesso em: 15 abr. 2015.

FOUCAULT, Michel. A Governamentalidade. In: _____. **Microfísica do Poder** (Org.). Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979. p.277-295.

_____. **O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si**. In: _____. Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Tradução de Tomaz Tadeu. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

KUNZRU, Hari. "Você é um ciborgue": um encontro com Donna Haraway. Tradução de Tomaz Tadeu. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 17-32.

LOPARIC, Zeljko. **A fabricação do humano**. 2005. Disponível em: <http://www.interleft.com.br/loparic/zeljko/pdfs/fabricahumano.pdf>. Acesso em: 27 out. 2015.

PREMEBIDA, Adriano. **As biotecnologias e a politização da vida**. 2008. 283 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/temas/teses/2008_ADRIANO_PREMEBIDA.pdf>. Acesso em: 27 out. 2015.

SEBASTIÃO, Sônia. Sujeito pós-moderno: de andrógino a pós-humano. **Comunicação & Cultura**, n. 9, p. 59-75, 2010. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/03.-S%C3%B3nia-Sebasti%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2015.

Recebido para avaliação em 29/02/2016
Aceito para publicação em 23/06/2016